

FANON NO MANICÔMIO: O APAGAMENTO DE UM PSIQUIATRA NEGRO

História e cultura africana e afrodescendente: Perspectivas para a formação docente, currículo, políticas educacionais e experiências pedagógicas antirracista

Ana Luisa da Silva Farias¹

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO

analuisasfarias9@gmail.com

Danilo Oliveira da Silva²

Universidade Regional do Cariri – URCA

danilo.oliveira@urca.br

Resumo

Esta pesquisa se debruça sobre a literatura para explorar a persistência da violência racial na história brasileira e seu impacto na academia, onde predominam epistemologias eurocêntricas. A exclusão e o silenciamento de pensadores críticos, como Machado de Assis, exemplificam como a academia perpetua a dominação racial. O conceito de epistemicídio, que se refere ao extermínio das memórias ancestrais de grupos minorizados, é central na discussão. Nesse cenário, Frantz Fanon, psiquiatra martinicano, é destacado por suas análises sobre colonialismo e opressão racial, ainda é pertinente ressaltar, que suas obras são de grande relevância na discussão sobre a atenção psicossocial, em especial, no que concerne a luta antimanicomial. Desse modo, apesar de suas contribuições significativas, a relação de Fanon com o campo da saúde mental foi minimizada no Brasil nas últimas três décadas. Este trabalho questiona se Fanon poderia ser visto como vítima de epistemicídio no contexto da luta antimanicomial, investigando suas influências e concepções sobre a rede de cuidado psicossocial.

Palavras Chave: Epistemicídio; Fanon; Saúde mental

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio – UNILEÃO, ligante da Liga Acadêmica de Saúde Integral para a Diversidade – LASID.

² Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA.